



trabalho... Mas acho importante conjugar o lado profissional com a maternidade, porque preciso de me sentir estimulada.

Marcela – Eu detestei de trabalhar durante um ano e ‘morri’! O que é que é a vida sem uma pessoa fazer o que gosta? Para mim, sair do Zénaç na altura, foi sair da minha zona de conforto. Sabe que tinha as capacidades, mas passava de ter a experiência de ser mãe. Cabe-nos a nós aprender com as situações. Agora, consegui arranjar um negócio que junta a paixão pelas minhas filhas com a paixão pela moda e pela gestão.

Francesca – Eu diria que para a Marcela é especialmente difícil

conjugar as duas coisas, porque as filhas são umas terroristas [risos]!

– Já percebi que a Isabella é mais princesa, e a Maude mais...

Marcela – Puffa!

– Revivem os vossos filhos?

Francesca – O Miguel é muito calmo, eu não sou assim tanto. Mas comparado com as primas, é um bebé muito tranquilo.

Marcela – É engraçado, porque fisicamente a Maude é o pai e a Isabella sou eu, mas de facto,

a Maude sei a mim e a Isabella ao pai.

– Lembram-se da vossa infância quando as veem juntas?

Francesca – Sim... A Marcela quis ter as filhas com pouco tempo de diferença porque nós somos assim e temos uma relação muito especial. Temos os mesmos grupos de amigos, frequentamos os mesmos sítios, gostamos das mesmas coisas. Quando nasceu Maude, a Marcela quis logo que ela tivesse uma irmã para crescerem como nós crescemos.

– E eu também tenho essa vontade com o meu filho.

Marcela – Somos cinco irmãos, quatro raparigas e um rapaz, mas nós as duas somos as mais chegadas. E as minhas filhas são assim. Ainda por cima, uma é loira e a outra, morena, como nós!

Francesca – Sendo que eu era a mais calma e a Marcela, a mais rufia.

– Conseguiram manter a vossa relação assim próxima ao longo da vida?

– Sim, apesar de muitas turmas. – E de muitas separações. Ambas estudaram fora do país...

Marcela – Aos 14 anos, fui

para um colégio interno na Suíça. E foi nessa altura que ficámos mais próximas!

Francesca – É eu fui para Nova Lusitana. Enquanto vivíamos as duas cá, dávamo-nos bem, mas andávamos sempre às turmas. Quando nos abertimos, ficámos emocionalmente mais próximas.

– Também têm uma relação próxima com os outros irmãos?

Marcela – Sim, somos família.

– A família é o mais importante!

– Completamente. Temos esse exemplo bem definido pela nossa mãe, Marcela de Mallo Brynneç, que é o pilar da família. E quem nos mantém sempre unidos.

Francesca – Ainda recen-



O mais importante para estas irmãs é que os filhos cresçam com uma noção de família, tal como elas, que têm mais três irmãos, cresceram.

“A Maude e a Isabella são iguais a nós em pequenas.” (Francesca)



*“No projeto do Zmar todos os nossos irmãos deram o seu contributo. Não fazemos nada sozinhos.” (Marcela)*

O blogue Marchesca Sisters está "online" há um ano e serve para as irmãs partilharem as suas experiências, viagens e episódios com os filhos. Obviamente, com tantas solicitações profissionais e pessoais, às vezes fica em "stand by", mas é um projeto do qual não abdicam.

temente passei uma temporada em Amsterdão, com o meu filho e o meu marido, que esteve lá a trabalhar, e pensei que o meu lugar é cá. Nós vivemos de uma família enorme...

— Apesar das vidas ocupadas, têm tempo para a família?

Francesca — Passamos os fins de semana todos juntos, na quinta dos meus pais. Saímos de lá numa canseira, por causa das crianças, mas é ótimo.

Marcela — No Zmar, todos os irmãos deram o seu contributo. Nós não fazemos nada sozinhos.

— Hoje, que as pessoas são mais individualistas, sentem-se um exemplo de família perfeita?

Francesca — Nunca tinha pensado nisso, mas sim. As nossas amigas estão sempre a dizer: "Lá vêm as irmãs!" As pessoas olham para nós como uma só.

— Isso não vos incomoda?

Marcela

— Eu fui para a Suíça para encontrar a minha identidade. Sou a mais nova das quatro e era difícil encontrar o meu caminho. E aprendi muita coisa.

— Como por exemplo?

— A respeitar o espaço dos outros, a partilhar. Os laços que

tenho com as amigas que fiz lá, não tenho com mais ninguém. Ainda hoje nos encontramos regularmente em várias cidades da Europa.

Francesca — É foi por causa das muitas viagens que a Marcela faz que criámos o blogue Marchesca Sisters, que é a junção dos nossos nomes.

— Por falar em nomes, é difícil ou é um orgulho ser Mello Breyner?

Francesca — Eu adoro escrever

e toda a vida quis ser escritora, mas depois penso que sou da família da Sophia de Mello Breyner e isso é um peso, porque se eu for uma porcaria, não vou fazer jus ao nome. Mas o nome, neste caso, será sempre um orgulho. Quando me casei adotei o apelido do meu marido [Miguel Ximenez], mas disse-lhe que não ia perder a minha identidade. Sinto que uma parte de mim morria se deixasse de ser Mello Breyner.

Marcela — Eu estou casada há mais tempo e também sentia isso, mas agora já vou assumindo o apelido do meu marido [João Lagos].